

Coetâneos de Friedrich Schleiermacher e suas considerações sobre o ato de traduzir*

Tito Lívio Cruz Romão

cruzromao@terra.com.br

Universidade Federal do Ceará

Resumo:

Este artigo, que se insere no campo de Estudos da Tradução, tem por fim um estudo contrastivo entre as ideias de Friedrich Schleiermacher, contidas em seu ensaio *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* [Sobre os Diferentes Métodos de Traduzir], e as concepções sobre o ato de traduzir de outros três estudiosos alemães do século XIX: August Boeckh, Karl Schäfer e Ludwig Seeger. Para tanto, toma-se como ponto de partida comentários sobre os trabalhos do tradutor Johann Heinrich Voß, que mediante suas traduções homéricas impõe uma série de inovações sintáticas, métricas e mesmo semânticas à língua alemã. O objetivo específico deste trabalho é apontar como cada um dos coetâneos de Schleiermacher se posicionava em relação a possíveis métodos, procedimentos e estratégias de traduzir, ressaltando-se, assim, as divergências e convergências entre suas diferentes propostas. Ao final, pode-se concluir que havia no século XIX alemão uma grande diversidade de estudiosos, escritores, filólogos e tradutores ocupados em teorizar sobre o ato de traduzir p.ex. em prefácios de traduções de obras clássicas gregas e latinas. Isto difere do que normalmente se discute nos Estudos da Tradução atuais, em que o foco das atenções parece ser direcionado quase que apenas às ideias de Schleiermacher.

Palavras-chave: Teoria da tradução. Século XIX. Schleiermacher. Outros teóricos.

Resumen:

Este artículo, que se inscribe dentro del campo de la Traductología, pretende presentar un estudio contrastivo entre las ideas de Friedrich Schleiermacher, contenidas en su ensayo *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* [Sobre los diferentes métodos de Traducir], y las concepciones sobre el acto de traducir de otros tres estudiosos alemanes del siglo XIX: August Boeckh, Karl Schäfer e Ludwig Seeger. Para esto, se toman como punto de partida los comentarios sobre los trabajos del traductor Johann Heinrich Voß quien, mediante sus traducciones homéricas, impone una serie de innovaciones sintácticas, métricas e incluso semánticas, a la lengua alemana. El objetivo específico de este trabajo es señalar cómo cada uno de los coetâneos de Schleiermacher se posicionaba en relación con los posibles métodos, procedimientos y estrategias de traducir, resaltándose, de este modo, las divergencias y convergencias entre sus diferentes propuestas. Al final, se puede concluir que existía durante el siglo XIX alemán, una gran diversidad de estudiosos, escritores, filólogos traductores dedicados a teorizar sobre el acto de traducir; por ejemplo, en los prefacios de las traducciones de obras clásicas griegas y latinas. Esto difiere de lo que normalmente se discute en la Traductología actual, en donde el centro de atención parece estar orientado casi meramente a las ideas de Schleiermacher.

Palabras clave: Teoría de la traducción. Siglo XIX. Schleiermacher. Otros teóricos

* Este artigo é resultado de parte das reflexões feitas em minha tese de doutorado em Estudos da Tradução, defendida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação do Prof. Dr. Walter Carlos Costa, no ano de 2013.

Abstract:

The area of research of this article is Translation Studies. Our study consists in a contrastive analysis of some ideas found in Friedrich Schleiermacher's essay *Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens* and the conceptions of three 19th century German scholars regarding the act of translation: August Boeckh, Karl Schäfer and Ludwig Seeger. To achieve this purpose, we take into account comments on the translations of Johann Heinrich Voß, whose German versions of Homer imposed a series of innovations in the fields of German syntax, poetry and even semantics. Our specific goal is to explain briefly how each one of the above-mentioned Schleiermacher's contemporaries thought about different methods, procedures and strategies of translation, thus emphasizing the convergent and divergent ways of thinking among their different proposals. Finally, we can conclude that there was a great variety of 19th century scholars, writers, philologists and translators theorizing on the act of translation, for instance, in translators' prefaces and introductions regarding Greek and Latin Classics. This differs from what is normally discussed nowadays in the field of Translation Studies, where the attention seems to be focused almost only on Schleiermacher's ideas.

Key words: Translation Theory. 19th century. Schleiermacher. Other theorists.

Es gibt keine Muse der Philosophie, es gibt auch keine Muse der Übersetzung.
Walter Benjamin

Na Alemanha, o século XIX foi um período marcado pela publicação de inúmeras versões de clássicos gregos e latinos, em que os tradutores também tratavam, não raro, de tecer comentários sobre sua tarefa maior: o ato de traduzir. Tal fenômeno tinha por base, por um lado, a Escola Romântica alemã, que teve sua expressão maior no início dos anos 1800 e motivou muitos escritores (e tradutores) alemães de então a revisitar os autores greco-latinos. Por outro lado, este retorno às profundas raízes da Antiguidade Clássica também se refletia no sistema educacional alemão da época, que defendia a necessidade de divulgar e estudar as obras greco-latinas, fazendo-o mediante o método de ensino conhecido como Gramática-Tradução¹, por meio de exercícios de tradução na sala de aula e da publicação de versões alemãs de textos dos grandes autores clássicos do antigo Lácio e da Hélade.

Ainda no século XVIII, surgira na Alemanha um filólogo clássico e tradutor que, graças a suas versões de diversas obras gregas e latinas, notadamente as epopeias de Homero *Iliada* e *Odisseia*, viria a celebrar-se ao longo dos séculos. Trata-se, aqui, de Johann Heinrich Voß², que nasceu em 1751 na localidade de Sommerstorf, no atual Estado alemão de Mecklemburgo-Pomerânia Ocidental, e morreu em 1826 na cidade de Heidelbergue. Viveu, portanto, numa época em que atuaram grandes autores românticos alemães, tais como Johann Gottfried Herder, August Wilhelm von Schlegel, Karl Wilhelm Friedrich von Schlegel, Johann Wolfgang von Goethe e Novalis, cujo verdadeiro nome era Georg Philipp Friedrich von Hardenberg. Voß, que também era escritor, chegou a ser considerado o *fantasma de um realismo sobrevivente* (Safranski, 2010, p. 167s.), quando se instalou em Heidelbergue, onde igualmente se estabelecera um verdadeiro quartel-general romântico *direcionado para contos de fadas, mitos, canções populares e outros documentos históricos* (Safranski, 2010, p. 166s.). Naquela cidade situada às margens do Rio Neckar, também se encontravam os escritores

Brentano, acompanhado de sua esposa, a também escritora Sophie Friederike Mereau, além de Joseph Görres, Achim von Armin e Georg Friedrich Creuzer, dentre outros. Com este último, Voß envolveu-se em uma polêmica por ambos terem escrito, cada um segundo suas idiossincrasias, uma obra sobre a simbologia da mitologia grega. O poeta e crítico literário alemão Wolfgang Menzel, nascido na Silésia, que também se instalara em Heidelbergue, publicou em 1825 um livro intitulado *Voß und die Symbolik* [Voß e a simbologia], em que fez severas críticas ao tratamento imposto por Voß à língua alemã através de suas versões de obras gregas. Em frases que já prenunciavam o nacionalismo populista que iria caracterizá-lo mais tarde, afirmava Menzel:

No meio do país nórdico de bárbaros, assentou-se a antipoesia na forma do Orfeu Voß, e os filisteus³ saltaram e pularam convulsivamente em busca dos penosos compassos das canções deste, e todos se tornavam seus adeptos obedecendo à antiga Grécia. A língua, doce familiarização da natureza, uma força mágica difícil de ser vencida, acabou agrilhoada pela antipoesia contida em Voß, foi amordaçada, abatida, expulsaram-lhe o espírito, seu corpo morto fora arrastado para a câmara de tortura da métrica estrangeira, flagelado, torturado, esquartejado, dilacerado com cruel volúpia, até penderem, do ferro frio, sangue e farrapos, e a mãe Alemanha não mais poder reconhecer sua cria. (Menzel, 1825, p. 50s.)⁴

Goethe, por seu turno, ao dar sua opinião sobre as espécies de tradução existentes, não poupou elogios ao Voß tradutor. No modo elogioso como se referiu a Voß em seu célebre livro *West-östlicher Diwan* [Divã ocidental-oriental] em 1819, as palavras de Goethe também servem como prova da recepção das traduções de Voß no início do século XIX:

O inestimável Voß não conseguiu agradar o (sic) público inicialmente, até que, pouco a pouco, as pessoas se adaptaram, se acomodaram ao novo modo. Quem, entretanto, não se dá conta, agora, do que ocorreu, da versatilidade que adquiriram os alemães, das vantagens retóricas, rítmicas, métricas que estão à disposição do jovem espirituoso e provido de talento, quem não se apercebe como Ariosto e Tasso, Shakespeare e Calderón nos são apresentados dupla e triplamente como estrangeiros transformados em alemães, esse pode esperar, então, que a história da literatura expresse, inequivocamente, quem trilhou pela primeira vez esse caminho mediante os mais diversos obstáculos. (Heidermann, 2001, p. 20s.)⁵

Além das epopeias homéricas, Voß também traduziu obras de vários outros autores clássicos, tais como Hesíodo, Teócrito, Bión de Esmirna, Mosco, Virgílio, Ovídio, Horácio, Tibulo e Propércio, além de ter vertido para o alemão o *Livro das Mil e Uma Noites* compilado por Antoine Galland. Na atualidade, as traduções homéricas de Voß ainda são publicadas, lidas e consultadas na Alemanha, embora ainda persistam, como à sua época, opiniões divergentes sobre seu ato de traduzir. Se, para alguns (p.ex. Schleiermacher), é considerado um exemplo de tradutor por ter enriquecido a língua alemã de termos, estruturas e recursos métricos e poéticos alheios a esta língua, por outros (p.ex. Karl Schäfer, Ludwig Seeger) é tido como um vituperador do idioma de Goethe, já que suas obras teriam grecizado o vernáculo alemão, descaracterizando-o e abandonando formas naturalmente existentes na língua.

Esses comentários sobre Voß deverão servir, aqui, à guisa de introdução para as considerações teóricas que serão apresentadas a seguir, partindo de comentários

compilados nas obras de alguns filólogos e tradutores alemães do século XIX, que se dedicaram em seus trabalhos também a refletir sobre o ato de traduzir. Por sua importância para os Estudos da Tradução e igualmente por seu pioneirismo, merece destaque o célebre ensaio de Friedrich Schleiermacher intitulado *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens*⁶ [Sobre os diferentes métodos de traduzir], apresentado como conferência na Academia Real de Ciências em Berlim no dia 24 de junho de 1813 e publicado em suas obras completas em 1838 pelo editor G. Reimer. Schleiermacher reuniria, ao longo do tempo, tanto simpatizantes quanto opositores, embora aqueles tenham tido uma presença mais marcante na história da Teoria da Tradução do que estes. Após algumas considerações sobre o supramencionado ensaio de Schleiermacher, serão apresentados breves comentários sobre os seguintes filólogos e tradutores que também teorizaram sobre o ato de traduzir: August Boeckh, Karl Schäfer e Ludwig Seeger.

Friedrich Schleiermacher (1768-1834):

Friedrich Daniel Ernst Schleiermacher estudou Teologia Evangélica em Halle. Antes de se formar, foi preceptor na casa de uma família de boa estirpe, até o ano de 1793, na cidade de Schlobitten, Prússia Ocidental, atual Alemanha, e professor em um orfanato de Berlim, até terminar seus estudos superiores e ordenar-se. Em 1794 assumiu funções eclesiásticas em Landsberg/Warthe. Escreveu várias obras de cunho filosófico e teológico, além de ter-se consagrado como tradutor das obras de Platão. Em seu supramencionado ensaio⁷, Schleiermacher apresenta seus questionamentos sobre a necessidade que o ser humano tem de comunicar algo a outrem que alguém ou ele próprio manifestou num discurso ou numa simples fala. Nesse momento, alguém poderá servir de intermediador, sem, todavia, utilizar as mesmas palavras do enunciador, pois a estas imprimirá uma maior ou uma menor expressividade, dependendo de como as tenha percebido. Destaca que os nossos próprios discursos precisam, depois de certo tempo, ser recontados, devendo ser “retraduzidos” em uma língua ou em um dialeto. Schleiermacher aponta que esse fato costuma ocorrer nos mais diversos campos do conhecimento humano: ciências, comércio, diplomacia etc. Aborda, ainda, a dificuldade maior que se nos apresenta, ao termos de traduzir ideias de uma língua estrangeira para a respectiva língua vernacular. Neste campo, distingue duas tarefas básicas: a do intérprete, que atua no campo dos negócios, e a do *verdadeiro tradutor*, que atua basicamente no campo da ciência e da arte. Revela que *traduzir produções científicas e artísticas de boca a boca*, sem a forma escrita, como pode ocorrer no campo dos negócios com intérpretes, seria desnecessário e até pareceria impossível. Ademais, realça a importância da escrita para o campo dos negócios, embora afirme que a oralidade seja própria desse *métier*. Em sua distinção entre o trabalho do *intérprete* e o do *tradutor*, a qual deve ser entendida, por certo, à luz de sua época, também indica que a tarefa de quem traduz relatos de jornais ou de simples relatos de viagens muito mais se inseriria no campo de trabalho de um *intérprete*. Em contrapartida, reconhece a importância e a gravidade de temas discutidos em negociações jurídicas, que, por seu cunho científico, demandam a atuação de um tradutor. Schleiermacher aborda, ainda, a problemática daquelas línguas que não possuem, entre si, um forte grau de

parentesco e que, por isso, sequer contam com relações morfológicas e gramaticais coincidentes, e muito menos no tocante à semântica e ao léxico. Tal situação agravava-se, afirmava ele, quando o tradutor vê-se diante de produções nos campos das artes e das ciências, onde predomina, sobremaneira, o pensamento reflexivo. Além disso, na tradução de textos literários e científicos, não se tem, em geral, a ajuda de um intérprete *in loco*. Para Schleiermacher, é relevante e decisivo ser dominado pela língua que se fala, já que se é, pois, um produto desta. Corroborando essa sua ideia, afirma em outro trecho:

Uma pessoa não poderia pensar com total certeza nada que estivesse fora dos limites dessa língua; a configuração de seus conceitos, a forma e os limites de sua combinabilidade lhe são apresentados através da língua na qual nasceu e foi educada, inteligência e fantasia são delimitadas através dela. (Heidermann, 2001, p. 37)⁸

Não esquece, todavia, de ressaltar que toda pessoa pensa de forma intelectualmente livre e também acaba formando, reformando e transformando a língua por meio de suas idiossincrasias. Nessa linha de raciocínio, admite que *todo discurso livre e mais elevado* será marcado por dois fatores: a) *pelo espírito da língua de cujos elementos o discurso é formado*; e b) *pela alma do enunciador*. Sem um entendimento desta interação, o discurso não seria, portanto, compreendido.

Após reconhecer o grau de dificuldade da comunicação nessa esfera do discurso em uma mesma língua, Schleiermacher volta-se para a problemática do discurso a ser intermediado entre duas línguas distintas. Sublinha veementemente a necessidade de os leitores, para entenderem o autor lido, captarem o modo particular de pensar e sentir de cada autor. Diante da tarefa de mediação entre autor e leitor com experiências distintas, Schleiermacher esclarece que, antes de se falar em tradução, é preciso registrar que há duas outras formas de mediação ou, em outros termos, de comunicação, entre dois mundos linguísticos distintos. Por um lado, haveria a paráfrase e, por outro, a imitação. Schleiermacher esclarece o papel da paráfrase desta forma:

O parafrazeador lida com os elementos de ambas as línguas como se fossem sinais matemáticos que se deixam levar aos mesmos valores por adição e subtração, e nem o espírito da língua traduzida, nem o da língua original conseguem aparecer nesse procedimento. (Heidermann, 2001, p. 41)⁹.

A imitação, por sua vez, é o ato de quem, por não poder ou não querer dominar a *irracionalidade das línguas*, não veria outra solução a não ser apresentar *um todo composto de elementos visivelmente diferentes dos do original, que, contudo, aproximasse o seu efeito daquele, tanto quanto as diferenças de material ainda lhe permitissem* (Heidermann, 2001, p. 41).

Por fim, Schleiermacher apresenta quem seria o *verdadeiro tradutor*, aquele profissional *que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor, e conduzir o último a uma compreensão e uma apreciação tão correta e completa quanto possível e proporcionar-lhe a mesma apreciação que a do primeiro, sem tirá-lo de sua língua materna*

(Heidermann, 2001, p. 43). Abrindo suas explicações, Schleiermacher logo aponta os *dois únicos caminhos* a serem percorridos por esse profissional: ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa em paz o leitor e leva o autor até ele. Essas duas vias, segundo o ensaísta, implicariam, naturalmente, em metodologias distintas, a saber:

No primeiro caso, a saber, o tradutor está empenhado em substituir, através de seu trabalho, a compreensão da sua língua de origem, que falta ao leitor. Ele tenta transmitir aos leitores a mesma imagem, a mesma impressão que ele próprio teve através do conhecimento da língua de origem da obra, de como ela é, e tenta, pois, levá-los à posição dela, na verdade estranha para eles. Mas se, por exemplo, a tradução quer deixar seu autor romano discursar como ele teria discursado e escrito em alemão para alemães, então ela não leva o autor apenas até a posição do tradutor, pois também para este o autor não discursa em alemão, mas em romano, muito mais ela o empurra diretamente para dentro do mundo dos leitores alemães e o torna igual a eles, e este é o outro caso. (Heidermann, 2001, p. 43s.)¹⁰

Segundo Schleiermacher, no primeiro caso haveria uma tradução que, a seu modo, atingiria o grau da perfeição, imaginando-se que, na situação descrita por ele, em que o tradutor alemão assumisse a função do escritor, seria como se, na verdade, o próprio autor romano soubesse alemão como o tradutor sabia romano e naquela língua houvesse escrito. No outro caso, mostrar-se-ia o autor como ele teria escrito originalmente em alemão, mas como alemão. Cumpre lembrar que, no ano de 1813, ou seja, no mesmo ano em que Schleiermacher apresentou seu ensaio sobre os diferentes métodos de tradução, Goethe escreveu uma homenagem ao escritor e tradutor Wieland, sobre a existência de duas máximas na tradução:

Existem duas máximas na tradução: uma exige que o autor de uma nação desconhecida seja trazido até nós, de tal maneira que possamos considera-lo nosso; a outra, ao contrário, requer de nós que nos voltemos ao estrangeiro e nos sujeitemos às suas condições, sua maneira de falar, suas particularidades. Graças a traduções exemplares, as vantagens de ambas são suficientemente conhecidas por qualquer pessoa culta. Nosso amigo, que também aqui procurou o meio termo, esmerou-se em combinar as duas; porém, como homem de sensibilidade e bom gosto, preferiu, em casos de dúvida, a primeira máxima.¹¹ (Heidermann, 2001, p. 31)

No que pese esse dilema, isto é, a existência desses dois caminhos ou dessas duas máximas, Schleiermacher faz questão de chamar a atenção para um terceiro ponto, aquele em que se encontra o tradutor:

Ambos os partidos separados precisam ou se encontrar em algum ponto intermediário, e esse sempre será o tradutor, ou um tem de se dispor completamente ao outro, e aqui somente aquela forma entra no campo da tradução; a outra entraria se, no nosso caso, os leitores alemães tivessem domínio total da língua romana ou, antes ainda, se esta se apoderasse completamente deles e até a transformação. (Heidermann, 2001, p. 45)¹²

Com estas suas palavras, Schleiermacher reconhece a posição de destaque assumida pelo tradutor como ponto intermediário entre a língua-cultura de partida e a língua-cultura de chegada.

August Boeckh (1785-1867):

August Boeckh (1785-1867) foi aluno de Friedrich Schleiermacher. Notabilizou-se como filólogo e historiador, tendo-se consagrado principalmente à Grécia Antiga. Ensinou nas Universidades de Heidelberg e Berlim, e publicou alguns livros sobre história e métrica gregas. Em um excerto de seu ensaio *Encyclopädie und Methodologie der philologischen Wissenschaften* [Enciclopédia e Metodologia das Ciências Filológicas], Boeckh põe em relevo, ao se referir ao ato de traduzir, a famosa dicotomia de que já falavam Goethe e Schleiermacher, sem assumir uma posição totalmente clara, embora conste que foi discípulo de Schleiermacher. Na verdade, Boeckh salienta, antes de tudo, sua crença na Filologia, adotando uma postura muito próxima à dos defensores da tradução apenas como a necessidade de encontrar um meio para facilitar o ensino-aprendizagem, notadamente, de idiomas. Apesar de haver demonstrado respeito e interesse pelos trabalhos de Schlegel e Schleiermacher no tocante à teorização sobre o ato de traduzir, Boeckh prefere seguir seu próprio caminho ao fazer suas análises. Em seu texto, aborda aspectos como: ideal de tradução, método de traduzir, filologia e tradução, além de alusões a autores e comentadores de traduções, dentre os quais figuram Schleiermacher, Voß e Droysen¹³, entre outros. Especialmente ricas são suas observações sobre Voß, que Boeckh julgava ser bom em tradução, mas ruim em gramática.

Ao tratar de hermenêutica, Boeckh faz as seguintes considerações, pondo em contraste as opiniões de dois teóricos da tradução da época: Friedrich Schleiermacher e Karl Schäfer:

A Hermenêutica inteira somente tem por fito a compreensão dos monumentos; mas, para o fomento do estudo em conjunto, é importante que a compreensão seja representada de maneira adequada. A representação ocorre de dois modos, através da tradução e do comentário. Analisaremos primeiramente o valor da tradução. O ideal de uma tradução é que ela represente o original; isso seria perfeitamente o caso, se ela provocasse em nós, com nosso conhecimento das circunstâncias históricas, a mesma impressão que o texto original, no público original. De uma forma ou de outra, as condicionantes históricas da obra precisam, portanto, ser dadas através de uma explicação de outra natureza, caso a própria tradução precise ser realizada visando a exercer o efeito intencionado da forma mais perfeita possível. Sobre isto, existem duas posições antagônicas. Alguns afirmam que se deveria manter, o máximo possível, o estilo nacional da obra; outros exigem que o elemento nacional deva ser eliminado o máximo possível. A primeira opinião é defendida por Schleiermacher, Sobre os diferentes métodos de traduzir. Ensaio Acad. de 1813 (Obras sobre Filosofia 2. Vol.), a outra, por Carl Schäfer, Sobre as tarefas (sic!) de traduzir. Erlangen 1839. 4. Ambos os métodos de traduzir têm suas vantagens e falhas.¹⁴ (Boeckh, 1877, p. 158)

Neste trecho, em que aborda especificamente questões de hermenêutica, August Boeckh, ao analisar a função da tradução como via de acesso à compreensão de textos, de certa forma expõe - ou pelo menos dá a entender - que naqueles idos de 1877, quando tanto Schleiermacher quanto Schäfer¹⁵ já haviam morrido, estes antagonistas, embora tivessem opiniões verdadeiramente díspares sobre o traduzir, acabavam desfrutando de igual mérito ao serem citados, ambos, por esse importante erudito do século XIX como os nomes que resumiam duas tendências metodológicas da tarefa de

traduzir. Um dado interessante que se sobressai nas palavras de Boeckh é que, ao falar sobre a problemática das condicionantes históricas da obra, estas talvez devessem ser dadas através de uma *explicação de outra natureza*. Deixava antever, aí, a necessidade de se recorrer a algum tipo de paratexto editorial para uma melhor compreensão da obra. O célebre filólogo alemão prossegue sua análise, apresentando os pontos positivos e negativos das duas posições defendidas pelos dois teóricos da tradução:

Aqueles que não traduzem o elemento nacional também não têm condições de exprimir por completo o elemento individual, já que ambos estão imbricados. Faz-se então mister, necessariamente, deixar em primeiro plano sua própria individualidade na tradução, como o faz Wieland. Além disso, eles verterão infielmente muitos detalhes, porque o significado gramatical, como já vimos, também depende de fatores nacionais. A tradução representará, portanto, em geral, o conteúdo, a forma interna e os meios de combinação da obra, ao passo que, em contrapartida, as sutilezas da organização do texto e a respectiva forma externa obliteram-se. Mas, no âmbito desses limites, ela provoca uma compreensão como se fosse uma obra na língua materna, já que o caráter nacional é apagado o máximo possível. Por outro lado, no caso do método oposto, exercer-se-á uma violência contra a própria língua materna, com o intuito de reproduzir o caráter nacional da língua estrangeira; e como as duas línguas, claro, não são coincidentes, uma reprodução do original é, todavia, impossível. Não obstante, deve-se preferir este método, porque ele exprime mais daquilo que o tradutor tiver compreendido. Assim, ele procurará renunciar, da melhor maneira possível, à sua própria individualidade: não terá como meta originalidade nenhuma, coisa que, na tradução, é um erro, e assim logrará reproduzir razoavelmente também as sutilezas das formas de combinação e as da forma externa. É óbvio que a fidelidade no detalhe facilmente trará prejuízos à impressão que se terá do todo.¹⁶ (Boeckh, 1877, p. 158)

Mediante suas palavras citadas no trecho acima, evidencia-se que Boeckh optava pela tendência seguida por Schleiermacher, ou seja, a de preservar os elementos nacionais da língua-cultura estrangeira, defendendo inclusive o fato de tal método ser seguido por aqueles tradutores que não querem deixar sua marca individual na obra. Aos tradutores que perfilam com Karl Schäfer, sobraria a pecha de quererem imprimir sua individualidade na tradução. Isto aconteceria porque, à força de eliminar, o máximo possível, o caráter nacional do original, o tradutor que seguisse o método de Schäfer provocaria, no original, uma perda dos aspectos externos deste (divisão de parágrafos, métrica etc.); por outro lado, também faria o leitor ter a impressão de estar lendo uma obra escrita em sua própria língua. Em seu texto, Boeckh reitera suas referências ao trabalho realizado pelo tradutor Voß:

A poesia homérica, p. ex., é toda natureza, totalmente desprovida de artificialismos; mas toda tradução tem algo de artificial, porque, mediante o recalçamento da própria individualidade, é inscrita numa alma estrangeira. Na melhor das hipóteses, ela é igual a um parque inglês simulacro da natureza; mas, não raro, a tradução mergulha em afetação inflexível como ocorre com a versão homérica de Voß, que é mal-ajambrada e áspera, e ainda pior é sua tradução de Aristófanes. O que menos se deixa traduzir são as peculiaridades do ritmo e do timbre, uma vez que as línguas modernas possuem uma lei rítmica diferente da existente nas línguas clássicas, e os tortuosos metros gregos, com suas frequentes sequências de várias vogais breves e longas, muitas vezes não são nem representáveis¹⁷. (Boeckh, 1877, p. 159)

Se, mais acima, vimos que Boeckh concordava com o método de tradução de Schleiermacher, aqui ele aponta as imperfeições das traduções de Voß, discordando, pelo menos neste aspecto, do mentor Schleiermacher. Desta forma comungaria, pelo

menos quanto à crítica de que Voß teria homerizado a língua alemã, com as ideias de Karl Schäfer.

Karl Schäfer (1800-1862):

Johann Albrecht Karl Schäfer nasceu em Ansbach, uma pequena cidade do atual Estado alemão da Baviera, em 22 de maio de 1800¹⁸ e faleceu no dia 30 de setembro de 1862. De forma idêntica a muitos outros eruditos alemães de sua época, Karl Schäfer ressaltava as bases que os autores clássicos greco-romanos emprestaram à cultura alemã e à formação educacional de várias gerações de alemães. Em seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzers* [Sobre a tarefa de traduzir]¹⁹, Schäfer critica de forma direta o modelo de tradução proposto por Friedrich Schleiermacher, tomando como ponto de partida, além do próprio Schleiermacher, o tradutor Johann Heinrich Voß. Schäfer defendia uma posição claramente oposta ao método de tradução de Schleiermacher. A seguir, algumas citações extraídas do ensaio de Schäfer permitirão que se vislumbrem algumas de suas ideias:

“Como deve fazer o tradutor”, pergunta ele [Schleiermacher], “para transplantar também em seus leitores justamente essa sensação de estar perante conteúdos estrangeiros?” “A exigência indispensável do traduzir”, responde ele, “é uma postura da língua que não apenas não é cotidiana, mas que também sempre deixa pressentir que ela não se desenvolveu tão inteiramente livre, que ela, muito mais, curvou-se em direção a uma semelhança estrangeira.” Portanto, em resumo, uma tradução não deveria ser totalmente alemã, mas apenas meio alemã, e o próprio tradutor somente deveria ter conduzido o leitor a uma meia compreensão do autor, deveria estar no meio entre o iniciante e o mestre, ou seja, ser um engabelador; e a tradução, no final das contas, não deveria valer sequer como um fim em si mesmo, mas tão-somente servir como um recurso auxiliar para compreender o autor e assumir o lugar de um comentário permanente. (Schäfer, 1838, p.6s.)²⁰

Partindo-se da citação acima, percebe-se claramente que Karl Schäfer defendia a ideia de que uma tradução deveria ser, sobretudo, *deutsch* [alemã] e atender aos critérios de uma formulação que soasse naturalmente vernacular, evitando deste modo as influências estrangeiras de ordem semântica, lexical, idiomática etc. Para imprimir maior expressão aos termos *deutsch/Deutsch*, Schäfer faz uso, em seu ensaio, de termos diametralmente opostos a este, para definir aquilo que, em tradução, feriria o vernáculo alemão idealizado por ele: o substantivo *Undeutschheit* [caráter não-alemão da língua], o substantivo *Undeutsch* [o não-alemão], o adjetivo *undeutsch* [não-alemão] e o advérbio *undeutsch* [de forma não alemã]. Schäfer defendia o preceito de que a língua alemã dispunha e podia fazer uso de meios suficientes – fossem eles de natureza semântica, lexical, estilística, gramatical etc. –, sem necessitar, aludindo-se às palavras de Schleiermacher, *curvar-se a uma estranha semelhança*²¹ (Schleiermacher, 2011, p. 37). As críticas tecidas por Schäfer dirigiam-se não apenas a Schleiermacher, mas igualmente ao tradutor Voß, uma vez que este, a título de exemplo, transportava para a língua alemã uma métrica grega que era estranha à natureza da língua alemã. Em seu processo tradutório *grecizante*, Voß, ao traduzir as obras gregas em alemão, adotava, em sua própria língua, construções e palavras gregas. Ademais, forjava seus

versos numa matriz de versos gregos em grande parte não aplicáveis à língua alemã, uma vez que não são totalmente coincidentes as leis e as estruturas de versificação em ambas as línguas. Empenhado em salvaguardar o idioma alemão, uma língua que, àquela época, ainda não se encontrava totalmente consolidada e que também sofria constantes ameaças francesas através da força do exército de Napoleão, Karl Schäfer agudizava sobremaneira suas reprimendas a Schleiermacher e a Voß, como se pode ver neste trecho de seu ensaio:

Como já foi observado anteriormente, Voß, desde longa data, já exercitava na prática o que Schleiermacher executa de forma sistemática, embora aquele fique para trás em relação às exigências deste, pois lhe falta o insinuar, o entrar nos mais diferentes elementos, em suma, aquele caráter proteiforme que Schleiermacher exige. Mas aquele greciza e latiniza a língua materna da mesma maneira que este, estando, assim, na mesma categoria que ele, embora tenham chegado à mesma prática a partir de diferentes posições. Na verdade, Schleiermacher acredita ser preciso expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, e Voß acredita ser fiel, se traduzir literalmente; mas como não consegue fazê-lo sem falar à moda estrangeira, sua linguagem é, portanto, tão não-alemã quanto a de Schleiermacher, e vice-versa. Não obstante, a fidelidade que o método de tradução de Voß exige para si põe-se a nu, curiosamente, através do fato de ele haver traduzido todo e qualquer autor da mesma maneira, naquela linguagem que ele havia criado, de uma vez por todas, naquele período em que formara originalmente seu ponto de vista.²² (Schäfer, 1838, p. 11)

Para Schäfer, o tradutor alemão devia buscar as formas próprias da língua alemã, aquelas já forjadas e existentes em seu vernáculo. Condenava, portanto, aqueles que renunciavam, segundo afirmava, a uma série de *palavras alemãs, construções alemãs, locuções alemãs (...), sistemas de conceitos e de seus símbolos*, preferindo recorrer, de forma arbitrária, a soluções invencionistas e arbitrárias. Em seu ensaio, Schäfer condena quem assim agia, enfatizando que *colocam-se os elementos uns ao lado dos outros desordenadamente: numa permuta mecânica, coloca-se símbolo após símbolo e crê-se seriamente ser possível criar, mediante esse amálgama de palavras e construções, uma nova língua*.

Contrariamente a Schleiermacher, Karl Schäfer advogava que a língua alemã não precisava *curvar-se em direção a uma semelhança alheia*. Sobre o método de tradução de Voß e Schleiermacher, assim resumia a atuação de ambos: *enquanto Schleiermacher acreditava precisar expressar-se à moda estrangeira para ser fiel, Voß acreditava ser fiel, se traduzisse literalmente*. E uma vez que Voß não lograva traduzir literalmente *sem falar à moda estrangeira*, sua linguagem acabava por ser *tão não-alemã quanto a de Schleiermacher, e vice-versa*. Ao longo de seu ensaio, Schäfer recorre a diferentes termos e imagens para exprimir a necessidade de se respeitar a língua-cultura de chegada. Uma das imagens utilizadas por ele é a da casca que envolve o fruto. Segundo seu ponto de vista, assim como o fruto, para evoluir, não deve ser desprovido de sua casca, o ser humano também não pode ser separado de sua língua, já que ambos coexistem em uma relação orgânico-funcional. Na visão de Schäfer, o tradutor alemão de Schleiermacher veste-se como o romano ou como o grego, a seu bel-prazer, isto é, de acordo com a necessidade que se lhe apresenta. Tudo não passaria, portanto, de uma farsa, de uma encenação: o tradutor vestia-se, apresentava-se em seu disfarce e dava início à sua comédia.

Um dos lemas principais de Karl Schäfer era *traduzir do Belo para o Belo*. Ou seja: a tradução não deveria ser escrita em alemão com um sabor da língua original. Seguindo o exemplo de Ludwig Seeger, de quem trataremos a seguir, Schäfer exigia que a tradução fosse, antes de tudo, *alemã*, como deixa patente em seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzens* [Sobre a tarefa de traduzir]: *o caráter da nossa língua, enquanto forma de nossa maneira popular de pensar e sentir, ali precisa apresentar-se, conforme sua singularidade, com suas características puras e nítidas*²³ (Schäfer, 1838, p. 17).

Embora concordasse com a ideia de que um tradutor de poesia devesse ser, de certo modo, um poeta, observava, porém, a inviabilidade de se aguardar o surgimento de um Ésquilo alemão para que, só então, se pudessem traduzir as obras do célebre poeta e dramaturgo grego:

Mas com isso não está dito que se exigiriam um talento e um gênio igualmente grandes, e que nós primeiramente teríamos de esperar um Ésquilo alemão, a fim de obtermos uma cópia alemã do original. Não se trata disto, o tradutor não tem de ser igual, apenas precisa ser capaz de absorver em si seu escritor, equiparar-se de certa maneira a este. A capacidade de entrar no espírito do protótipo, de pôr-se na sua pele e identificar-se com ele, é inteiramente bastante para representar a originalidade.²⁴ (Schäfer, 1838, p. 20s.)

Embora não chegasse aos excessos nacionalistas de um purista como Wolfgang Menzel, Karl Schäfer opunha-se claramente à transplantação de elementos estrangeiros e estranhos à língua alemã mediante a tradução. Neste trecho, rechaça esse método de maneira manifesta:

De que meios o nosso tradutor precisa fazer uso, como precisa proceder, resulta, por si só, do que foi afirmado até aqui. Ele não tem permissão para criar, nem por iniciativa própria nem por macaqueação, nem em prosa nem em poesia. Ele não tem permissão para querer inocular de modo direto o conteúdo estrangeiro; inversamente, deverá escolher o correspondente a partir do já existente, e o seu maior mérito mostrar-se-á no tato e na habilidade de extrair, com a mão boa, o análogo a partir da esfera da vida do povo ou da literatura existente.²⁵ (Schäfer, 1838, p. 21)

É importante notar que Friedrich Schleiermacher é um nome consagrado no campo dos Estudos da Tradução, talvez também por ter-se destacado nos campos da teologia e da prática de tradução em geral, notadamente por suas versões de obras platônicas. Karl Schäfer, por sua vez, praticamente não é citado na maioria das obras publicadas na área tradutológica a partir do século XX. Tal não ocorria, todavia, no século XIX, quando se confrontaram as ideias de Schäfer e Schleiermacher.

Ludwig Seeger (1810-1864):

Ludwig Seeger, poeta, jornalista e tradutor alemão, estudou Latim e Teologia, e trabalhou como professor de liceu e docente universitário em Berna. Traduziu, por exemplo, obras do francês Pierre-Jean de Béranger e do escritor grego Aristófanes. Suas ideias contidas no prefácio às traduções das obras do grande comediógrafo helênico, publicadas sob o título *Aristófanes* no ano de 1845, são um testemunho da

teorização que se fazia sobre o ato de traduzir no século XIX. Ademais, são um contraponto ao método de tradução utilizado pelo poeta, filólogo clássico e tradutor alemão Johann Heinrich Voß.

Ludwig Seeger começa seu prefácio, intitulado *Epistel an einen Freund als Vorwort* [Epístola a um amigo à guisa de prefácio], como se realmente se dirigisse a um amigo, para ressaltar a importância que se dava, àquela época, à discussão em torno do valor dos autores clássicos e da necessidade de uma afirmação da língua-cultura alemã:

Pareces não estar contente comigo, por eu estar começando novamente a traduzir. Este foi o teu comentário sobre a minha tentativa de tradução das canções de Béranger: “mas isso ainda nada mais era que carne da nossa carne, ossos dos nossos ossos.” Mas agora logo os clássicos da Antiguidade? “Quando chegará”, exclamas, “quando então chegará a hora em que jogaremos fora as muletas e nos apoiaremos em nossas próprias pernas?”²⁶ (Seeger, 1845, p. 1)

Em seu prefácio, Seeger manifesta sua esperança de que nunca chegue o dia em que seja preciso prescindir dos autores clássicos, afinal de contas, abandonar *os fieis guias e companheiros*, que sempre estiveram ao lado dos alemães em seu processo de formação, seria voltar a um *estado de barbárie e de selvageria*.

O prefácio traz ainda frases emblemáticas como: *Wir müssen, das ist jetzt die Aufgabe, vor allem deutsch und poetisch übersetzen*. [Precisamos, esta agora é a tarefa, sobretudo traduzir em alemão e poeticamente]. Com este enunciado, Seeger demonstrava sua oposição às imitações e às reproduções realizadas por Voß, que muitas vezes optara por tornar alemã uma estrutura e até mesmo uma métrica tipicamente grega, atentando, como também afirmava Karl Schäfer, contra a natureza da língua nacional alemã. Na opinião de Seeger, as adaptações de Voß nada mais eram que textos redigidos *in jenem berüchtigten ‘Übersetzerrotwelsch’* [naquele infame jargão de tradutor].

Em suas preocupações com a língua e com a cultura, com a época dos clássicos da Antiguidade greco-romana e o próprio período em que vivia, Seeger ressalta igualmente o fato de estar vivendo numa outra época, e que seria necessário entender as formas do mundo antigo tão-somente pela via histórica, sem querer transplantá-las para a época em que vivia. Em suas observações, Seeger abre espaço para expressar um forte sentimento de nacionalismo alemão, o que também se pode sentir nas entrelinhas (mas não apenas) do ensaio de Karl Schäfer, de que também trata este artigo.

Considerações finais:

Não se pode negar a importância do ensaio *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* [Sobre os diferentes métodos de traduzir], que Friedrich Schleiermacher apresentou como conferência na Academia Real de Ciências em Berlim no dia 24 de junho de 1813. Para os Estudos da Tradução, o acesso a esse texto foi e é de fundamental importância para que se discuta de forma mais profunda o tema da tradução *estrangeirizante* ou *domesticadora* que mais tarde retornaria, na obra de

diferentes autores²⁷. Igualmente relevante é podermos ter acesso a textos de contemporâneos de Schleiermacher, em que se veem posicionamentos ora convergentes e ora divergentes em relação ao que afirmara o eminente teólogo e tradutor sobre o ato de traduzir. Dentre seus opositores, há de se realçar, sobretudo, a figura de Karl Schäfer, que, embora tenha ficado esquecido durante mais de um século e meio pelos que fazem os Estudos da Tradução, trouxe, com seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzers* [Sobre a tarefa de traduzir] outras exigências, que certamente também tinham sua origem no momento histórico cada vez mais acirrado em que se encontravam os Estados alemães em relação às frequentes ameaças de invasão francesa. Alimentado por suas convicções idiossincráticas, Schäfer proclamava que a tradução fosse, antes de tudo, *alemã*: “o caráter da nossa língua, enquanto forma de nossa maneira popular de pensar e sentir, ali precisa apresentar-se, conforme a sua singularidade, com suas características puras e nítidas”.

Já o filólogo August Boeckh, embora tivesse sido aluno de Schleiermacher, não assumia uma postura totalmente favorável ao método proposto por seu ex-mestre. Não poupava críticas negativas a Voß, sobretudo pelo indevido uso que fazia da gramática alemã, embora reconhecesse seu valor de tradutor, o que ia ao encontro do pensamento de Schleiermacher.

Ludwig Seeger, embora não fosse adepto do método de tradução schleiermacheriano, pelo menos concordava em um ponto com o tradutor das obras de Platão: não se devia nem se podia prescindir dos fieis guias e companheiros da Antiguidade Clássica, que eram muito caros aos alemães. Seeger resume a tarefa ideal de tradução, afirmando que a tarefa do tradutor é, antes de mais nada, traduzir *em alemão e poeticamente*.

Em resumo, a tarefa de todo e qualquer tradutor de obras literárias passa necessariamente pelos seguintes preceitos: respeitar a língua-cultura de chegada, sem deixar de atentar, obviamente, para a língua-cultura de partida, e registrar como poesia o que houver de poesia no texto de partida.

Referências:

- Berman, A. (1995). *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Gallimard.
- Berman, A. (2002). *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC.
- Berman, A. (2007). *A tradução e a letra ou o albergue ao longe*. Trad. Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET.
- Boeckh, A. (1877). *Encyklopädie und Methodologie der Philologischen Wissenschaften*. Leipzig: Teubner.
- Droysen, J. G. (1838). *Des Aristophanes Werke. Dritter Theil*. Berlim: Verlag von Veit und Comp.
- Heidermann, W. (2001). *Werner. Clássicos da teoria tradução. Antologia bilingue, alemão-português; vl. 1 (1ª edição)*. Florianópolis.
- Jahn, J. C.; Klotz, R.; Seebode, G. (1841). *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik*. Leipzig: Druck und Verlag von G.B. Teubner.
- Kitzbichler, J.; Lubitz, K.; Mindt, N. (2009). *Dokumente zur Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800*. Berlim / Nova Iorque: Walter de Gruyter.
- Masius, H. (1864). *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik*. Leipzig: Verlag von G. B. Teubner.
- Menzel, W. (1825). *Voß und die Symbolik. Eine Betrachtung*. Stuttgart: Friedrich Franck.
- Neuner, G.; Hunfeld, H. (2001). *Methoden des fremdsprachlichen Deutschunterrichts. Eine Einführung*. Berlim/Kassel: Gesamthochschule Kassel.
- Safranski, R. (2010). *Romantismo, uma questão alemã*. Trad. Rita Rios. São Paulo: Estação Liberdade.
- Schäfer, K. (1839). *Die Aufgabe des Uebersetzens*. Erlangen: Jung'sche Universitäts-Buch-Druckerei.
- Schäfer, K. (2013). *A tarefa de traduzir*. Trad. Tito Lívio Cruz Romão. Fortaleza: (inédito).

Schleiermacher, F. (2011). Über die verschiedenen Methoden des Übersetzens / Sobre os diferentes métodos de tradução / Sobre os diferentes métodos de traduzir / Dos diferentes métodos de traduzir. Tradução de Margarete von Mühlen Poll, Celso R. Braida, Mauri Furlan. In: Scientia translationis, n° 9. Florianópolis: UFSC.

Seeger, L. (1845). Aristophanes. Erster Band. Frankfurt am Main: Literarische Anstalt (J. Rütten).

Soergel, J. (1863). Jahresbericht von der Königlichen Studienanstalt zu Erlangen. Erlangen: Druck der Universitäts- Buchdruckerei von Junge & Sohn.

Venuti, L. (1995). The translator's invisibility: a history of translation. Londres/Nova Iorque: Routledge.

Venuti, L. (2002). Escândalos da tradução. Trad. Laureano Pelegrini et. al. Bauru, SP: EDUSC.

Žmegač, V.; Škreb, Z.; Sekulić, L. (1981). Kleine Geschichte der deutschen Literatur. Frankfurt am Main: Scriptor Verlag.

¹ Neuner & Hunfeld (2001, P. 19) ressaltam que esse método de ensino de línguas estrangeiras, que foi desenvolvido no século XIX para línguas clássicas e mais tarde também foi utilizado no ensino de línguas modernas, sublinhava, como o próprio nome evidencia, a gramática e a tradução. “Ênfase na gramática: esta é o elemento estruturante para a progressão de conteúdos e também o objetivo transversal de aprendizagem: quem domina a gramática, domina a língua estrangeira! Ênfase na tradução: esta é a meta de aplicação da língua estrangeira: quem sabe traduzir corretamente mostra, com isso, que realmente domina a língua estrangeira!” (*minha tradução*). Obs.: Como se vê, tais ênfases há muito não são mais aplicáveis aos atuais métodos de ensino de línguas estrangeiras modernas.

² Desde 1958, a *Deutsche Akademie für Sprache und Dichtung* (Academia Alemã de Língua e Poesia) confere o Prêmio de Tradução Johann-Heinrich Voß para o autor da melhor obra de tradução de lírica, drama ou ensaística. Existe também o Prêmio de Literatura Johann-Heinrich Voß, concedido pela cidade de Otterndorf, onde Voß viveu entre 1778 e 1782.

³ Os românticos eram chamados, no início do movimento, de *filisteus* (em alemão: *Philister*), como apontam ŽMEGAČ et al. (1981, p. 152).

⁴ In die Mitte des nordischen Barbarenlandes ließ sich die Antipoesie hernieder in Gestalt des Orpheus Voß und die Philister sprangen umher und hüpfen convulsivisch nach den martervollen Masuren seiner Lieder, und hingen sich alle an seinen ungeheuern Zopf folgend zum alten Hellas. Die Sprache, süße Gewöhnung der Natur, eine schwer zu besiegende Zaubergewalt, ward dennoch von der Antipoesie in Voß glücklich fest gemacht, geknebelt, abgestochen, der Geist ausgetrieben, der todt Leichnam in die Marterkammer der fremden Metrik geschleppt, geschunden, gerädert, gevierteilt, mit grausamer Wollust zerfleischt, biß an dem kalten Eisen Blut und Fezen hingen, und die Mutter Deutschland ihr Kind nicht mehr wieder erkannt. (Menzel, 1825, p. 50s.)

⁵ Der nie genug zu schätzende Voß konnte das Publikum zuerst nicht befriedigen, bis man sich nach und nach in die neue Art hinein hörte, hinein bequemte. Wer nun aber jetzt übersieht, was geschehen ist, welche

Versatilität unter die Deutschen gekommen, welche rhetorischen, rhythmischen, metrischen Vorteile dem geistreich-talentvollen Jüngling zur Hand sind, wie nun Ariost und Tasso, Shakespeare und Calderón als eingedeutschte Fremde uns doppelt und dreifach vorgeführt werden, der darf hoffen, daß die Literaturgeschichte unbewunden aussprechen werde, wer diesen Weg unter mancherlei Hindernissen zuerst einschlug.

⁶ Os excertos citados a partir de obras alemãs escritas nesta língua serão mantidos na ortografia da edição original. Na versão em português, os nomes próprios serão escritos na versão original e apresentados, na tradução, na ortografia atual alemã (p.ex.: Voss / Voß).

⁷ As informações aqui apresentadas sobre o ensaio de Friedrich Schleiermacher tomam por base a antologia bilíngue *Clássicos da Tradução*, Vol. 1, Alemão-Português, organizado por Heidermann (2001), em que o ensaio foi traduzido por Margarete von Mühlen Poll. Todavia, em outras partes desta tese, recorrer-se-á a outras edições, em que o texto foi vertido para o português por outros tradutores.

⁸ „Er kann nichts mit völliger Bestimmtheit denken, was außerhalb der Grenzen derselben läge; die Gestalt seiner Begriffe, die Art und die Grenzen ihrer Verknüpfbarkeit ist ihm vorgezeichnet durch die Sprache, in der er geboren und erzogen ist, Verstand und Fantasie sind durch sie gebunden.“

⁹ „Der Paraphrast verfährt mit den Elementen beider Sprachen, als ob sie mathematische Zeichen wären, die sich durch Vermehrung und Verminderung auf gleichen Werth zurückführen ließen, und weder der verwandelten Sprache noch der Ursprache Geist kann in diesem verfahren erscheinen.“

¹⁰ „Im ersten Falle nämlich ist der Uebersetzer bemüht, durch seine Arbeit dem Leser das Verstehen der Ursprache, das ihm fehlt, zu ersetzen. Das nämliche Bild, den nämlichen Eindruck, welchen er selbst durch die Kenntniß der Ursprache von dem Werke, wie es ist, gewonnen, sucht er den Lesern mitzutheilen, und sie also an seine ihnen eigentlich fremde Stelle hinzubewegen. Wenn aber die Uebersetzung ihren römischen Autor zum Beispiel reden lassen will wie er als Deutscher zu Deutschen würde geredet und geschrieben haben: so bewegt sie den Autor nicht etwa nur eben so bis an die Stelle des Uebersetzers, denn auch dem redet er nicht deutsch, sondern römisch, vielmehr rückt sie ihn unmittelbar in die Welt der deutschen Leser hinein, und verwandelt ihn in ihres gleichen; und dies eben ist der andere Fall.“

¹¹ Es gibt zwei Übersetzungsmaximen: die eine verlangt, daß der Autor einer fremden Nation zu uns herüber gebracht werde, dergestalt, daß wir ihn als den Unrigen ansehen können; die andere hingegen macht an uns die Forderung, daß wir uns zu dem Fremden hinüber begeben und uns in seine Zustände, seine Sprachweise, seine Eigenheiten finden sollen. Die Vorzüge von beiden sind durch musterhafte Beispiele allen gebildeten Menschen genugsam bekannt. Unser Freund, der auch den Mittelweg suchte, war beide zu verbinden bemüht, doch zog er als Mann von Gefühl und Geschmack in zweifelhaften Fällen die erste Maxime vor.

¹² „Die beiden getrennten Partheien müssen entweder an einem mittleren Punkt zusammentreffen, und das wird immer der des Uebersetzers sein, oder die eine muß sich ganz zur andern verfügen, und hiervon fällt nur die eine Art in das Gebiet der Uebersetzung, die andere würde eintreten, wenn in unserm Fall die deutschen Leser sich ganz der römischen Sprache, oder vielmehr diese sich ihrer ganz und bis zur Umwandlung bemächtigte.“

¹³ Johann Gustav Droysen (1808-1884), tradutor de obras gregas em alemão, seguia um método de tradução que se opunha ao de Voß. Droysen deixou alguns prefácios, em que evidencia, dentre outras coisas, a necessidade de recorrer a paratextos - em geral, prefácios - para facilitar a compreensão dos leitores das comédias de Aristófanes, ricas em conteúdo político, social e cultural (cf. Droysen, 1838, p. V).

¹⁴ Die gesamte Hermeneutik hat nur das Verständniß der Denkmäler zum Zweck; für die Förderung des gemeinsamen Studiums ist es aber von Wichtigkeit, dass dies Verständniß in der geeigneten Weise dargelegt werde. Die Darlegung geschieht in doppelter Art, durch Uebersetzen und Commentiren. Wir untersuchen zuerst den Werth des Uebersetzens. Das Ideal einer Uebersetzung ist, dass sie das Original vertrete; dies würde in vollkommenem Maasse der Fall sein, wenn sie auf uns bei Kenntnis der historischen Verhältnisse denselben Eindruck machte wie das Original auf das ursprüngliche Publicum. Die historischen Voraussetzungen des Werkes müssen also auf jeden Fall durch anderweitige Erklärung gegeben werden, wenn die Uebersetzung selbst eingerichtet werden muss, um die beabsichtigte Wirkung möglichst vollkommen auszuüben. Hierüber stehen sich zwei Ansichten gegenüber. Einige behaupten, man müsse den nationalen Stil des Werkes möglichst beibehalten; andere verlangen, das Nationale solle möglichst abgestreift werden. Die erstere Ansicht vertritt Schleiermacher, Ueber die verschiedenen Methoden edes Uebersetzens.

Akad. Abh. Von 1813 (Werke zur Philosophie 2. Bd.), die andere Carl Schäfer, Ueber die Aufgaben (*sic!*) des Uebersetzers. Erlangen 1839. 4. Beide Methoden des Uebersetzens haben ihre Vorzüge und Mängel.

¹⁵ Apesar do texto bem cuidado de Boeckh, ele comete um pequeno engano no título do ensaio de Schäfer, ao grafar o termo *Aufgabe* [tarefa] com um “n” final, ou seja, no plural: *Aufgaben* [tarefas].

¹⁶ Diejenigen, welche das Nationale nicht übertragen, sind auch nicht im Stande das Individuelle völlig zum Ausdruck zu bringen, weil beides verwachsen ist. Es wird dann notwendig ihre eigene Individualität in der Uebersetzung hervortreten, wie dies bei Wieland der Fall ist. Ferner werden sie vieles Einzelne untreu wiedergeben, weil ja auch der grammatische Wortsinn, wie wir gesehen haben, national bedingt ist. Die Uebersetzung wird also den Inhalt und die innere Form und Combinationsweise des Werkes im Grossen und Ganzen darstellen, dagegen die Feinheiten der Gliederung und die entsprechende äußere Form verwischen. Innerhalb dieser Grenzen aber bewirkt sie, weil der fremde Nationalcharakter möglichst abgestreift ist, ein Verständnis wie ein Werl in der Muttersprache. Bei der entgegengesetzten Methode wird man dagegen der eigenen Sprache Gewalt anthun, um den nationalen Charakter der fremden nachzubilden, und da sich die Sprachen doch auch grammatischen nicht decken, ist eine treue Wiedergabe des Originals dennoch unmöglich. Trotzdem ist diese Methode vorzuziehen, weil sie von dem, was der Uebersetzer verstanden hat, mehr zum Ausdruck bringt. Er wird sich so seiner eigenen Individualität bestmöglich zu entäussern suchen: er wird keine Originalität erstreben, die bei der Uebersetzung ein Fehler ist, und so wird es ihm gelingen, auch die Feinheiten der Combinationsweise und der äusseren Form einigermaßen nachzubilden. Freilich wird die mögliche Treue im Einzelnen wieder leicht den Eindruck des Ganzen beeinträchtigen.

¹⁷ Die Homerische Poesie z.B. ist ganz Natur, durchaus ungekünstelt; jede Übersetzung hat aber etwas Gekünsteltes, weil sie mit Unterdrückung der eigenen Individualität in eine fremde Seele hineingeschrieben ist. Sie gleicht im günstigsten Fall einem die Natur nachbildenden englischen Park; oft aber verfällt sie in steife Künstelei wie die Vossische Übersetzung des Homer, die stelzbeinig und rauh ist, und in noch schlimmer Weise seine Uebersetzung des Aristophanes. Am wenigsten lassen sich die Eigenthümlichkeiten des Rhythmus und des Klanges übertragen, da die neueren Sprachen ein anderes rhythmisches Gesetz als die alten haben und die verschlungenen griechischen Metra mit häufiger Aufeinanderfolge mehrerer Kürzen und Längen oft gar nicht darstellbar sind.

¹⁸ A primeira notícia que tive sobre Karl Schäfer e seu ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzers* [Sobre a tarefa de traduzir] foi no livro *Theorie der Übersetzung antiker Literatur in Deutschland seit 1800. Transformationen der Antike* [Teoria da tradução de literatura clássica na Alemanha desde 1800. Transformações da Antiguidade Clássica] (KITZBICHLER; LUBITZ; MINDT, 2009). Ressalte-se que as organizadoras do referido livro afirmam, numa nota de rodapé, não ter sido possível encontrar as datas de nascimento e morte de Karl Schäfer e agradecem as gentis informações que lhes foram repassadas pelo administrador do Arquivo *Fridericianum* de Erlangen (Alemanha). Durante minha pesquisa de doutorado, logrei ter acesso a um necrológio de Karl Schäfer, com farta biografia, publicado no *Jahresbericht von der Königlichen Anstalt zu Erlangen* [Relatório Anual do Liceu Real de Erlangen] em 7 de agosto de 1863, ou seja, quase um ano após a morte de Schäfer. Obtive também um necrológio publicado no ano de 1864, nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik* [Novos Anuários de Filologia e Pedagogia], editados por Hermann Masius em Leipzig (Alemanha), além de uma resenha sobre o ensaio *Ueber die Aufgabe des Uebersetzers*, publicado nos *Neue Jahrbücher für Philologie und Pädagogik* [Novos Anuários de Filologia e Pedagogia] no ano de 1841.

¹⁹ O ensaio, publicado em 1839, foi traduzido por mim para a língua portuguesa em 2013, mas a tradução ainda não foi publicada.

²⁰ „Wie soll, fragt er, der Uebersetzer es machen, um eben dieses Gefühl, dass sie Ausländisches vor sich haben, auch auf seine Leser fortzupflanzen? Das unerlässliche Erforderniss des Uebersetzers, antwortet er, ist eine Haltung der Sprache, die nicht nur nicht alltäglich ist, sondern die auch stets ahnen lässt, dass sie nicht ganz frei gewachsen, *vielmehr zu einer fremden Aehnlichkeit hinübergebogen ist.*“ Also, um es kurz zu sagen, eine Uebersetzung soll nicht *ganz*, sondern nur *halb deutsch* sein, und der Uebersetzer selbst soll es nur zu einem halben Verstehen des Autors gebracht haben, soll zwischen Anfänger und Meister in der Mitte stehen, das heisst ein Stümper sein, und die Uebersetzung soll endlich nicht einmal als Zweck für sich gelten, sondern nur als Aushilfsmittel zum Verstehen des Autors dienen, und die Stelle eines fortlaufenden Kommentars vertreten.“

²¹ Cita-se aqui a tradução de Mauri Furlan (Schleiermacher, 2011).

²² *Voss* hatte, wie bereits bemerkt, längst praktisch geübt, was *Schleiermacher* systematisch ausführt, ob er gleich hinter den Anforderungen desselben zurückbleibt, weil ihm das Anschmiegen, das Eingehen in die verschiedensten Elemente, mit Einem Worte, das Proteusartige fehlt, was *Schleiermacher* fordert. Aber er gräzisiert und latinisiert die Muttersprache wie jener, und steht insofern in gleicher Kategorie mit ihm, wenn sie gleich von verschiedenen Standpunkten aus zur nämlichen Praxis gelangt sind. Denn *Schleiermacher* glaubt fremd sprechen zu müssen, um treu zu sein, und *Voss* glaubt treu zu sein, wenn er wörtlich übersetzt; da er aber diess nicht thun kann, ohne fremd zu sprechen, so ist seine Sprache so undeutsch, wie die *Schleiermacher's* und umgewendet. Die Treue aber, welche die Uebersetzungsmethode *Vossens* für sich in Anspruch nimmt, zeigt sich sonderbarer Weise dadurch, dass er jeglichen Schriftsteller in gleicher Weise übersetzt hat, in diejenige Sprache, welche er sich ein für allemal in jener Periode geschaffen hatte, wo er sich seinen Standpunkt originell gestaltete.

²³ (...) der Charakter unsrer Sprache, als der Form unsres volksthümlichen Denkens und Empfindens, muss sich darin nach seiner Eigenthümlichkeit rein und klar ausgeprägt darstellen.

²⁴ Damit ist jedoch nicht gesagt, dass ein gleich grosses Talent und Genie erfordert werde, und dass wir erst einen deutschen *Aeschylus* erwarten müssten, um ein deutsches Abbild des Originals zu gewinnen. Nicht diess, nicht gleich an Kraft, nur fähig, seinen Schriftsteller in sich aufzunehmen, ihm gleichsam ebenbürtig muss der Uebersetzer sein. Das Vermögen, in den Geist des Urbilds einzugehen, sich in ihn einzuempfinden und einzufühlen, reicht vollkommen hin, um die Originalität darzustellen.

²⁵ Welcher Mittel sich unser Uebersetzer zu bedienen, wie er zu verfahren hat, ergibt sich aus dem bisher Gesagten von selbst. Er darf nicht selbst machen, weder auf seine eigne Faust noch durch Nachäffung, weder in Prosa noch in Poesie. Er darf nichts Fremdes unmittelbar einimpfen wollen, sondern er muss unter dem bereits Vorhandenem Litteratur mit glücklicher Hand das Analoge herauszugreifen.

²⁶ Du scheinst nicht zufrieden mit mir zu sein, daß ich wieder zu übersezwen anfang. Meinen Versuch mit den Béranger'schen Liedern liebest Du gelten: „Das war doch noch Fleisch von unserem Fleisch und Bein von unserem Bein. Aber nun gar die Alten? „Wann wird, rufst Du aus, wann wird einmal die Zeit kommen, wo wir die Krücken von uns werfen, und auf eignen Füßen stehen?“

²⁷ Cf., dentre outros, cf. Berman (1995, 2002, 2007) e Venutti (1995, 2002).